



Manual de Ecoturismo de Base Comunitária

EDIÇÃO EM PDF

Ferramentas para um planejamento responsável

Arquivo pdf com 250 k
22 páginas, capa e verso da capa

Todos os direitos reservados. Parte integrante do livro Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável, do WWF-Brasil.

Para conhecer os outros capítulos do Manual, o método de elaboração, os projetos parceiros e demais informações sobre este livro, visite o site do WWF-Brasil – www.wwf.org.br.

SECÇÃO 01

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

CONTATOS DOS PARCEIROS E CONSULTORES

PARCERIA:



APOIO:



INSTITUTO
ECO FUTURO
Iniciativa Suzano



MANUAL DE ECOTURISMO DE BASE COMUNITÁRIA
FERRAMENTAS PARA UM PLANEJAMENTO RESPONSÁVEL

Publicação do Programa de Turismo e Meio Ambiente do WWF-Brasil

FICHA TÉCNICA

Organizadora do Manual
Sylvia Mitraud

Autores
Anna Paula Santos, Ariane Janer, Gilberto Fidelis, Jane Vasconcelos, Johan van Lengen, Leandro Ferreira, Marcos Borges, Max Dante, Monica Corulón, Roberto Mourão, Sérgio Salazar Salvati, Sylvia Mitraud, Timothy Molton, Verônica Toledo, Waldir Joel de Andrade.

Edição Técnica
Robert Buschbacher, Sérgio Salazar Salvati, Sylvia Mitraud, Leonardo Lacerda

Coordenador do Programa de Turismo e Meio Ambiente do WWF-Brasil
Sérgio Salazar Salvati

Coordenação das Oficinas
Sylvia Mitraud

Consultores do Projeto
Jane Vasconcelos, Roberto Mourão, Verônica Toledo, Waldir Joel de Andrade, Ariane Janer, Gilberto Fidelis, Marcos Martins Borges

Coordenação Editorial
Alexandre Marino - Varanda Edições Ltda

Projeto Gráfico, capa e edição em pdf
Paulo Andrade

Fotos da capa:
Sérgio Salazar Salvati

Tiragem: 3.000 exemplares
Novembro de 2003

Esta publicação, "Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável" é publicada com o apoio da USAID - Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional - com sede na Embaixada Americana no Brasil, nos termos do acordo nº 512-0324-G-00-604. As opiniões expressas do(s) autor(es) não necessariamente refletem as opiniões da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional.

Esta publicação contou com o apoio da Kodak Company, USA, nos termos do acordo de cooperação técnica celebrado para apoio ao desenvolvimento dos projetos do Programa de Ecoturismo de Base Comunitária do WWF-Brasil. As opiniões expressas do(s) autor(es) não necessariamente refletem as opiniões da Kodak Company.

A viabilidade desta publicação contou com a participação da Companhia Suzano de Papel e Celulose, por meio de convênio de parceria entre o WWF-Brasil e o Instituto Ecofuturo. As opiniões expressas do(s) autor(es) não necessariamente refletem a opinião desta Companhia.



Publicado em papel Reciclatô - 100% reciclado

M294e Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável. /

[Organização: Sylvia Mitraud] - [Brasília]: WWF Brasil, c2003. 470p.: il. Color. ;21x14 cm.

Bibliografia

ISBN: 85-86440-12-4

1. Ecoturismo - Brasil. 2. Turismo Comunitário. 3. Metodologia de Planejamento e Gestão – Ecoturismo. 4. Capacitação Comunitária. 5. Conservação.

CDU 504.31

Manual de Ecoturismo de Base Comunitária

FERRAMENTAS PARA UM PLANEJAMENTO RESPONSÁVEL

Sumário

A numeração de páginas deste sumário corresponde à edição impressa em Novembro de 2003.

Agradecimentos	7
Apresentação	9
Introdução	11
O WWF-Brasil e o Turismo Responsável	23

SEÇÃO 1

Planejamento Estratégico –
*Instrumentos para planos, diagnósticos
e desenvolvimento de projetos e produtos*

1. Planejamento do ecoturismo	33
2. Levantamento do potencial ecoturístico (inventário)	89
3. Elaboração do produto	145
4. Viabilidade econômica	189

SEÇÃO 2

Implementação Responsável –
*Instrumentos para desenvolvimento físico,
educação e capacitação*

5. Infra-estrutura de apoio	217
6. Implantação e manejo de trilhas	247
7. Interpretação ambiental	261
8. Capacitação comunitária	295

SEÇÃO 3

Gestão Integrada – Instrumentos para controle, administração e participação

9. Monitoramento e controle de impactos de visitação	315
10. Administração e práticas contábeis	363
11. Participação comunitária e parcerias	381
12. Participação de voluntários em projetos de ecoturismo	399
13. Pesquisa na atividade de ecoturismo	415
Glossário	423
Contatos dos projetos parceiros e profissionais participantes do Manual	443
Declaração de Ecoturismo de Quebec	447

Agradecimentos

Como produto de um projeto desenvolvido de forma participativa e de longo prazo, muitas são as pessoas, os profissionais e as instituições que colaboraram de forma definitiva para a publicação deste Manual, e é com prazer que o WWF-Brasil aproveita esta oportunidade para fazer seus agradecimentos. No entanto, a menção a entidades e profissionais a seguir não esgota a lista de instituições e indivíduos que prestaram apoio e colaboração a este projeto, em diversas ocasiões.

Primeiramente, agradecemos à Associação Brasileira de Ecoturismo (ECOBRASIL), pela colaboração desde o início do projeto. Foi desta parceria que surgiu a semente que gerou o Programa de Ecoturismo do WWF-Brasil, posteriormente denominado Turismo e Meio Ambiente. Em especial, a idealização do programa, tanto em seus objetivos quanto em seu método de desenvolvimento, deve-se à criativa e crítica interação entre o WWF-Brasil, com sua especialidade em assuntos de conservação ambiental e de processos participativos, e à ECOBRASIL, com seus conhecimentos na área empresarial do turismo.

Igualmente importante foi a participação e, principalmente, a dedicação de diversos profissionais que atuaram como consultores; são especializados nas diversas áreas relevantes do ecoturismo, mas também altamente comprometidos com os objetivos de conservação ambiental e responsabilidade sócio-econômica do ecoturismo. Apesar do título de “consultores”, a colaboração desses profissionais em muito excedeu as expectativas e determinações contratuais com o WWF-Brasil.

Ao longo de quatro anos, o WWF-Brasil trabalhou em parceria com as instituições executoras de oito projetos de conservação e desenvolvimento de diferentes regiões do Brasil, empregando de forma participativa, prática e interativa os diversos métodos apresentados neste Manual, e capacitando técnicos para coordenar o desenvolvimento do ecoturismo nos projetos. As instituições colaboradoras deste programa foram:

- ▶ **Associação de Silves pela Preservação Ambiental e Cultural (ASPAC)** – Silves/AM.
- ▶ **Associação dos Condutores de Visitantes da Chapada dos Veadeiros (ACV-CV)** – Alto Paraíso/GO.
- ▶ **Associação Mico Leão Dourado (AMD L)** – Casimiro de Abreu/RJ.
- ▶ **Organização dos Seringueiros de Rondônia (OSR); Associação dos Seringueiros do Vale do Guaporé (AGUAPÉ); e Ação Ecológica Guaporé (ECOPORE)** – Porto Velho/RO.
- ▶ **Projeto TAMAR (IBAMA e Fundação Pró-TAMAR)** – Fernando de Noronha/PE.
- ▶ **Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA)** – Campo Grande/MS;
Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo (SEMATUR) – Corumbá/MS.
- ▶ **Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental (SPVS)** – Curitiba/PR.
- ▶ **Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (ISDM)** – Tefé/AM.

Sem a colaboração e o compromisso dessas instituições parceiras, suas diretorias e seus representantes técnicos, e dos consultores, este Manual não poderia ter sido elaborado. Ao todo, foram mais de 45 pessoas, trazendo suas perspectivas profissionais e regionais para constituir um único produto. O entusiasmo, o esforço, o compromisso, a paciência e, por vezes, a persistência dos técnicos e técnicas que as representaram neste projeto foram imprescindíveis para a realização prática das atividades em cada um dos projetos parceiros. Um agradecimento especial fica registrado para as instituições e projetos que sediaram as oficinas semestrais do projeto.

Com essas colaborações e esforços, o Projeto de Capacitação em Ecoturismo do WWF-Brasil e a metodologia do Manual seguiram os princípios do ecoturismo comunitário, constituindo um processo participativo desde sua concepção.

A realização do Programa de Capacitação e a elaboração deste Manual foi possível também devido ao apoio da parceria com a USAID, cujos recursos ao longo de três anos possibilitaram não só a realização das oficinas, mas também o apoio técnico e financeiro aos projetos que possuíam carências específicas para o desenvolvimento do ecoturismo. Conseqüentemente, precisamos também estender os agradecimentos às instituições que apoiam diretamente o desenvolvimento do ecoturismo dos projetos parceiros.

Além de agradecer a todo o quadro do WWF-Brasil, pela confiança e colaboração, não podemos deixar de lembrar daqueles que contribuíram para esta publicação e que hoje não mais pertencem à sua equipe. Apoiando os técnicos que participaram ativamente no desenvolvimento do programa, outros colaboraram nas etapas posteriores de edição, revisão e encaminhamentos logísticos etc, como Rogério Dias (ex-coordenador do Programa de Ecoturismo), Leonardo Lacerda (ex-Superintendente de Conservação) e Garo Batmaniann (ex-Secretário-Geral).

Que todo o esforço e dedicação investidos para a elaboração deste Manual se traduzam em efetiva contribuição para o desenvolvimento de experiências de Ecoturismo no Brasil conforme seus princípios de sustentabilidade.

Brasília, novembro de 2003

Sylvia Mitraud
Organizadora do Manual

Sérgio Salazar Salvati
*Coordenador do Programa de Turismo
e Meio Ambiente do WWF-Brasil*

Apresentação

Em 1994, o WWF-Brasil deu início aos projetos Silves e Veadeiros, primeiros projetos de campo de conservação e desenvolvimento, cujo objetivo eram o desenvolvimento do ecoturismo como alternativa econômica sustentável. Também data de 1994 a elaboração, pelo Governo Federal, das Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo, onde definiu-se, entre outras abordagens, o conceito brasileiro de ecoturismo adotado neste documento. No ano seguinte, o WWF-Brasil apoiou a realização da 1ª Bienal de Ecoturismo de Canela, Rio Grande do Sul.

Esses eventos, associados a diversos contatos com profissionais que iniciavam o trabalho no campo do ecoturismo, levaram ao claro diagnóstico da ausência e/ou fragilidade dos mecanismos existentes para assegurar que a atividade respeitasse os seus princípios, tanto no que diz respeito à sua interface com a conservação da natureza quanto com o beneficiamento prioritário das comunidades locais. A principal preocupação do WWF-Brasil era com a possibilidade de o ecoturismo se transformar em mais uma atividade econômica exploradora e degradadora das unidades de conservação do Brasil, em especial os Parques Nacionais.

Especificamente quanto ao objetivo de apoiar e consolidar modelos de ecoturismo no Brasil, o WWF-Brasil primeiramente procurou estabelecer claramente os fatores limitantes e críticos para seu desenvolvimento e para o atendimento aos princípios de sustentabilidade. Foi observado que os princípios e a atual dinâmica da proposta do ecoturismo no Brasil, a complexidade de

regiões e comunidades envolvidas e a carência de profissionais e de informações levavam a um quadro que vem distorcendo os princípios do ecoturismo.

Para o WWF-Brasil, o fator crítico que poderia definir o tipo de relação que o ecoturismo teria com o ambiente natural e cultural – de degradação ou de conservação – era o desenvolvimento de metodologias para a realização das diversas atividades que compõem o ecoturismo e que o diferenciam do turismo tradicional. Por exemplo, métodos de interpretação ambiental, de controle de impactos ambientais, da capacitação regional para prestação de serviços de ecoturismo e do manejo de trilhas de baixo impacto, adaptados à realidade das diferentes regiões do Brasil, e a capacitação de profissionais de nível técnico para sua adequada aplicação, foram algumas das necessidades apontadas e que mereciam estudos de desenvolvimento.

Dessa forma, nasceu o Programa de Ecoturismo do WWF-Brasil (PEC), posteriormente chamado de Programa de Turismo e Meio Ambiente, tendo como meta principal e de longo prazo *“apoiar a adoção da ‘certificação independente’ do ecoturismo no Brasil, por meio de uma metodologia multidisciplinar aperfeiçoada em projetos de campo”*.

O objetivo específico dos primeiros três anos do projeto foi *“propor e testar uma metodologia de capacitação para treinar organizações brasileiras de caráter ambiental para o desenvolvimento de ecoturismo de base comunitária”*. O **Manual de Ecoturismo de Base Comunitária** é o resul-

tado da primeira fase deste programa, realizada entre o final de 1996 e 2000, por meio do projeto intitulado *Capacitação para o Desenvolvimento do Ecoturismo de Base Comunitária*.

A segunda e terceira fases, treinamento e certificação, já vêm sendo implementadas em projetos parceiros.

A segunda fase compreende a disseminação dos métodos do Manual em nível nacional para públicos selecionados e o início de um programa de capacitação nos diferentes biomas, destinados a técnicos em posições estratégicas e lideranças regionais, cujas funções serão de multiplicar seu conteúdo em suas bases de atuação.

O Projeto de Capacitação para o Desenvolvimento do Ecoturismo de Base Comunitária, por intermédio deste Manual e da parceria com os projetos de campo que colaboraram para sua elaboração, procura gerar meios práticos para uma melhor e mais adequada implantação de projetos de ecoturismo visando o desenvolvimento futuro de um sistema de certificação, que constitui a terceira fase do programa, em andamento.

Apesar do longo processo de elaboração, este Manual ainda não é um produto acabado. Desde o início do projeto, considerou-se o Manual como uma primeira versão sobre práticas em ecoturismo. Entendemos, no entanto, que muitas das melhorias necessárias virão com a utilização e crítica do Manual por outros profissionais e instituições de diversas partes do Brasil. Com a sua publicação, não se pretende esgotar os temas e métodos necessários para a realização do ecoturismo, e muito menos colocá-lo como o único instrumento disponível para técnicos e instituições. Pretende-se contribuir para a formação de profissionais capacitados nas diversas

áreas temáticas do desenvolvimento de projetos, oferecendo um produto ainda inédito por conter orientações práticas para a realização de atividades ligadas aos aspectos ambientais, sociais e econômicos do ecoturismo.

O tema abordado nesta publicação – o Ecoturismo de Base Comunitária – permitiu a organização sob a forma de Manual. No entanto, devido à complexidade de alguns temas, por exemplo Administração e Práticas Contábeis e Pesquisa, o desenvolvimento dessas atividades sempre requererá a orientação de especialistas, não bastando o conteúdo do Manual.

A abrangência e a complexidade dos princípios do ecoturismo mostram que seria muita pretensão tentar elaborar um manual que atendesse a todas as questões e demandas do ecoturismo de base comunitária. Este não foi o objetivo do WWF-Brasil. Nos diversos capítulos, várias técnicas e experiências são disponibilizadas, algumas passíveis de adaptação e aplicação sem necessidade de assessoria técnica. Outras fornecem subsídios para discussão e contratação de serviços técnicos especializados, ou leitura especializada.

O importante é que, pela primeira vez no Brasil, organizou-se de forma prática, acessível e, principalmente, atenta à realidade brasileira, um rico conjunto de informações e orientações para a prática de ecoturismo no país. E com base neste programa de capacitação, o WWF-Brasil vem procurando testar e aplicar seus conceitos e metodologias nos seus diversos projetos de campo, em todos os biomas brasileiros.

Espera-se que a leitura e aplicação das ferramentas aqui disponíveis venham a contribuir para a adoção do conceito de ecoturismo e seu desenvolvimento responsável no Brasil.

Rosa Lemos de Sá
Superintendente de Conservação

O turismo é a setor econômico que apresenta os mais elevados índices de crescimento no contexto mundial, tendo expandido suas atividades na década de 90 em cerca de 60%, de acordo com dados da Organização Mundial do Turismo. No Brasil, o turismo é uma atividade ainda emergente, porém de crescimento intenso nos últimos anos.

O desenvolvimento desse mercado, inserido principalmente em locais de interesse cênico e tendo como base recursos naturais de alta biodiversidade, tais como a Amazônia, o Pantanal, o Cerrado, a Mata Atlântica e a costa litorânea, tem trazido preocupações aos governos locais, às comunidades anfitriãs e às organizações conservacionistas por colocar em risco áreas naturais, protegidas ou não, de riquezas imensuráveis, assim como importantes patrimônios histórico-culturais.

Isto deve-se à velocidade e escala dos investimentos públicos e privados, em detrimento da aplicação prévia de mecanismos de planejamento participativo, legislação de uso do solo, zoneamento e proteção ambiental, educação dos visitantes e planos de monitoramento da atividade, que podem garantir a proteção da base dos recursos naturais e culturais que fundamentam os negócios do turismo. Na verdade, estes mecanismos não existem, não estão disponíveis ou não estão aplicados e consolidados. A busca destes mecanismos, e de sua real eficiência, é o desafio de governos, mercados, comunidades e entidades não-governamentais.

Formas sustentáveis de turismo, como o ecoturismo, têm potencial para contribuir

para a conservação da diversidade biológica dentro e fora de áreas protegidas, assim como promover melhorias na qualidade de vida das comunidades locais e regionais.

I. O Ecoturismo e os princípios da sustentabilidade

Dentro dos diversos segmentos turísticos, o ecoturismo vem sendo apontado como aquele que apresenta os mais altos índices de crescimento, com um aumento de demanda variando de 10 a 20% ao ano, de acordo com diversos estudos.

No Brasil, a realidade não é diferente. O contexto internacional favorecendo as chegadas estrangeiras, o crescimento do mercado doméstico após o Plano Real, que alcança hoje mais de 40 milhões de desembarques, e o grande potencial do Brasil como destino turístico têm, nos últimos anos, provocado um volume expressivo de investimentos governamentais e privados na indústria brasileira do turismo e em especial no ecoturismo. Esses fatos, associados à enorme diversidade cultural e de ecossistemas do país e a ampla promoção do ecoturismo como negócio, fizeram com que houvesse um aumento considerável de projetos e programas de ecoturismo no Brasil. A atividade, inicialmente praticada por organizações não-governamentais como uma alternativa de desenvolvimento sustentável, é hoje prioridade e realidade para diversos segmentos da sociedade. Governos estaduais e municipais, bancos de investimentos, fundos verdes, empresários e organizações não necessariamente ambientalistas, como

o SEBRAE, passaram a investir no ecoturismo como uma opção de negócio ou como opção de geração de emprego e renda.

O crescimento do ecoturismo no Brasil é interessante e ao mesmo tempo preocupante. Interessante por ser a afirmação e expansão de uma proposta associada aos princípios de conservação e benefício comunitário. Preocupante devido à velocidade de sua disseminação e crescimento como negócio, à complexidade dos seus propósitos e seu entendimento pelos diferentes atores do mercado, à fragilidade de ambientes e comunidades diretamente envolvidas e às dificuldades humanas e materiais dos diferentes órgãos públicos responsáveis pelo controle da atividade.

O ecoturismo é norteador por mínimos impactos ambientais e culturais e por benefícios econômicos às comunidades envolvidas. Ao observarmos a realidade do ecoturismo nas diversas regiões brasileiras, fica evidente a dificuldade encontrada por projetos e programas para atender aos princípios básicos acima descritos. Leva-se em conta que as dificuldades para encontrar oportunidades econômicas no ambiente rural brasileiro fazem com que as comunidades exerçam pressão demasiada sobre os recursos naturais, tais como vemos hoje nas florestas tropicais da Amazônia e da Mata Atlântica ou sobre o estoque pesqueiro no Pantanal.

Por outro lado, o turismo também causa impactos ambientais negativos significativos ou não atinge as expectativas destas regiões ou das comunidades em termos de melhorias socioeconômicas. Em diversos casos, ambos os resultados desfavoráveis ocorrem. E como o ecoturismo busca originalidade, áreas conservadas e autenticidade cultural, é comum que seja praticado em regiões de grande sensibilidade e complexidade social e ambiental. Portanto, o bom planejamento, a definição correta de infra-estrutura, de um sistema de monitoramento e de vários outros fatores são fundamentais para o sucesso da implantação do ecoturismo. No entanto, tudo isso é complexo e possui alto custo.

Outro problema é que, por ser uma atividade nova e dinâmica, o ecoturismo no Brasil carece de metodologias, de informações e de profissionais capacitados.

É também relevante a quantidade de produtos que são associados ao ecoturismo unicamente por envolverem atividades em ambientes naturais, conservados ou não, sem qualquer outro objetivo além do lucro. Voluntariamente ou não, poder público, empresas e pessoas se aproveitam de falsos esquemas de “marketing ecológico” para vender um produto que, na verdade, não é ecoturismo, processo que vem sendo chamado de *green washing* (maquiagem verde de produtos). Entre outras razões, isto ocorre por não haver um organismo e um método de certificação de produtos de ecoturismo.

Observando o crescimento desordenado do ecoturismo no Brasil, que prevalece ainda hoje, os Ministérios do Meio Ambiente (MMA) e da Indústria, Comércio e Turismo (MICT), formaram, em 1994, um Grupo de Trabalho Interministerial que estabeleceu diretrizes para o desenvolvimento do ecoturismo no Brasil. Um dos produtos desse grupo de trabalho foi a definição de ecoturismo no contexto brasileiro:

O QUE É ECOTURISMO?

“Um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas”.

(Embratur, 1994)

Por ser uma consequência do movimento preservacionista da década de 70, as primeiras definições de ecoturismo associavam a atividade apenas ao papel de preservação do ambiente natural. Este conceito

passou a ser reelaborado a partir da evolução do conceito de desenvolvimento sustentável e da conseqüente inclusão do homem no processo de sustentabilidade. Portanto, a definição brasileira de ecoturismo acompanhou uma nova tendência do ecoturismo mundial ao incorporar a população envolvida nos benefícios da atividade turística (Whelan, 1991; Borges, 1995), onde o maior ou menor grau de atendimento às necessidades socioculturais das regiões receptoras parece ser o maior diferencial entre as diversas definições.

Neste sentido, três grandes eixos temáticos sustentam o conceito brasileiro de ecoturismo: a sustentabilidade, a educação do visitante e os benefícios às comunidades locais (Salvati, 2002).

A sustentabilidade se refere primordialmente à conservação do ambiente natural como pré-requisito para a manutenção do ecoturismo à longo prazo. Mas sua viabilidade (e sustentabilidade) econômica deve também ser colocada em contexto, pois se o ecoturismo não for planejado adequadamente, seu desenvolvimento estará fadado ao fracasso econômico e à degradação social e ambiental. As bases que sustentam os negócios são os ambientes natural e cultural, na forma de recursos atrativos. Se esta base de recursos não permanecer conservada, não haverá mais o interesse da visitação. A sustentabilidade envolve, portanto, a criteriosa utilização destes recursos, principalmente em parques e reservas. No âmbito da sustentabilidade econômica, metodologias e estratégias devem ser buscadas, criadas ou adaptadas para se diagnosticar as atividades econômicas locais atuais e potenciais, visando a diversificação econômica para a melhor geração de renda e emprego, com a devida manutenção do equilíbrio ambiental. Outro aspecto a ser levado em consideração é a adequada formulação de planos de viabilidade econômica e de marketing, sem os quais o produto não se concretiza.

A questão da educação do visitante deve ser entendida num sentido mais amplo dentro do contexto de que o turismo deve ser

sempre informativo e educacional. Além disso, o ecoturismo proporciona ao visitante a compreensão e a consciência da importância de se conservar a natureza, a história e a cultura dos lugares de visitação. A prática da educação ambiental no ecoturismo, principalmente por meio da interpretação da natureza, contribui para que o visitante tenha a possibilidade de transformar e renovar seu comportamento cotidiano. A realidade urbana com a qual o turista convive rotineiramente passa a ser questionada gerando reflexões sobre consumo, poluição e qualidade de vida. Objetiva-se, assim, a incorporação e tradução destas reflexões na forma de comportamento e posturas no seu ambiente de origem. A educação do visitante para o respeito às culturas e tradições, ao uso da terra e aos sítios históricos, artísticos e arqueológicos deve também ser condição necessária para o ecoturismo.

O desenvolvimento socioeconômico sustentável de uma região deve ser o objetivo maior do ecoturismo e deve ser alcançado quando há envolvimento das comunidades anfitriãs e a preocupação premente em gerar benefícios locais. E isto somente será atingido se houver investimentos na capacidade da comunidade em se preparar para recebê-lo. O envolvimento da comunidade deve existir desde a fase de planejamento, participando e auxiliando na tomada de decisões sobre que tipo de ecoturismo deve ser desenvolvido e quais as suas necessidades e expectativas. Os benefícios para a comunidade somente virão com investimentos na economia local, na infraestrutura básica (saneamento, educação e saúde) e o seu efetivo envolvimento na capacitação profissional para o turismo.

Podemos também analisar o conceito brasileiro de ecoturismo sob o foco do desafio a ser enfrentado para compatibilizar seu caráter de atividade econômica com seus dois outros aspectos definidores: por um lado a proteção ambiental das áreas onde se realiza e, por outro, a participação e benefício das comunidades envolvidas, conforme segue:

a) **Potencial econômico X Proteção ambiental**

O ecoturismo tem como principal atrativo ambientes naturais conservados, o que transforma unidades de conservação, públicas ou particulares, em grandes alvos para o desenvolvimento da atividade. Garantir que o aspecto econômico não assuma precedência sobre o ambiental significa que:

- ☐ **A atividade só deve ser desenvolvida quando o potencial de impactos ambientais do ecoturismo é avaliado e considerado aceitável.** Em áreas onde há razões para se acreditar que o risco de degradação ambiental é maior do que a capacidade de controlar os impactos da visitação o ecoturismo não deve ser desenvolvido, mesmo que a demanda turística e o potencial econômico sejam grandes.
- ☐ **Qualquer área natural que receba a visitação ecoturística deve possuir mecanismos para o monitoramento e controle de impactos ambientais.** Esta é uma atividade que deve ser realizada permanentemente. Impactos excessivos ou que não se consegue controlar por meio de diferentes estratégias são razão para o fechamento da área para o ecoturismo.
- ☐ **Os rendimentos econômicos do ecoturismo devem colaborar para a proteção da área como um todo.** O compromisso com a conservação na atividade de ecoturismo refere-se à proteção da área como um todo e não apenas das áreas diretamente visitadas. Pode ser feito diretamente, com métodos de intervenção e recursos financeiros e humanos de apoio à conservação, ou indiretamente por meio da educação ambiental de visitantes e comunidades.

b) **Potencial econômico x Participação e benefício da comunidade**

Como qualquer outra atividade econômica no mercado competitivo, ao se

mostrar viável em uma determinada região, o ecoturismo tende a atrair investidores de porte, muitas vezes de fora da região. A tendência é a comunidade local ser atropelada por um processo de desenvolvimento de infra-estrutura e serviços onde ela figura na melhor das hipóteses como empregada. Mas comumente é marginalizada do mercado por incapacidade de manter o mesmo nível de investimentos.

Geralmente, os impactos da atividade ecoturística sobre as comunidades são percebidos apenas quando atingem grandes dimensões e os benefícios esperados não ocorrem. Isso acontece porque:

- ☐ **Nem sempre são utilizados os mecanismos participativos e de interpretação da percepção** das expectativas e necessidades dessas comunidades sobre o ecoturismo na fase inicial do desenvolvimento da atividade.
- ☐ **A atividade começa a se desenvolver por força da demanda turística ao invés de por iniciativa da comunidade local.** A busca por novos destinos e atrativos é atividade sempre presente no ecoturismo e turismo de aventura. O mercado e os próprios turistas não esperam o desenvolvimento de um produto para começar a visitar uma área. Ao contrário, geralmente o fluxo de turistas é o motivador do desenvolvimento do ecoturismo. Isto leva ao desenvolvimento descontrolado de infra-estrutura e serviços e frequentemente à eventual destruição dos atrativos naturais e culturais. O ciclo de vida do turismo é muito dinâmico e uma região ou comunidade pode ser “descoberta” e “abandonada” pelo turismo com incrível rapidez.

Este dilema possui um significado ainda maior quando se observa o papel do turismo na cadeia econômica. A receita gerada pelo turismo incrementa a circulação de moeda nos destinos, não só pelos gastos diretos do turista, mas também nos indiretos. É o que chamamos de efeito econômico multiplicador. Para que o turismo se realize não bas-

tam os serviços da agência de viagens, do meio de transporte, do meio de hospedagem e de alimentação. É preciso também estradas de acessos, telecomunicações, sistema de saúde e segurança, e até pequenos serviços automotivos, como borracheiros. E os seus gastos movem a economia local. Assim, o dinheiro circula pela economia local, a partir dos gastos dos turistas, seja diretamente através de serviços turísticos (hospedagem, alimentação, transportes e entretenimento), nos serviços de apoio turístico (postos de combustíveis, comunicações, infra-estrutura, farmácias, postos telefônicos, marcenaria, agricultura etc), ou indiretamente, nos recursos gerados em impostos e taxas ou nos gastos dos prestadores de serviços turísticos.

II. O MANUAL

Disponibilizando metodologias inovadoras para a sustentabilidade ambiental, econômica e social de projetos de ecoturismo, o Manual de Ecoturismo de Base Comunitária orienta o planejamento de projetos, sua implementação e monitoramento e a avaliação dos resultados. Onde o Manual não se basta para a execução, ele orienta tanto a contratação de serviços como a avaliação do trabalho a ser realizado.

O tema abordado nessa publicação – o Ecoturismo de Base Comunitária – está apresentado sob a forma de metodologias, onde cada capítulo apresenta ferramentas práticas para aplicação no campo. A maioria das metodologias contidas no Manual foi testada pelos projetos parceiros. Além disso, o Manual fornece informações sobre os projetos parceiros e diversos estudos de casos envolvendo suas experiências na aplicação das metodologias deste Manual.

Para facilitar a compreensão e utilização deste Manual, sua organização é composta por três seções que apresentam as três fases principais de qualquer projeto: planejamento, implementação e gestão. A impressão de compartimentação do processo de viabilização de um projeto não deve acontecer, pois

todas as fases de um projeto são de caráter altamente dinâmicos e a integração dos diversos temas em planejamento, implementação e gestão é um caminho desejado. Vários capítulos possuem fases de planejamento e implementação em suas metodologias e o momento de aplicá-las caberá aos técnicos do projeto decidir. Como exemplo, a necessidade da participação da comunidade (cap. 3.11) ou a adesão de voluntários (cap. 3.12) no processo de levantamento do potencial de ecoturismo (cap. 1.2). Deve-se salientar ainda que cada capítulo apresenta uma bibliografia de referência, que complementa mas tampouco esgota as fontes disponíveis aos interessados.

O Manual está composto dos seguintes tópicos e sessões:

Introdução

Apresenta os temas turismo e ecoturismo, define o conceito brasileiro de ecoturismo, seguido de uma discussão sobre as dificuldades dos projetos para alcançar os seus princípios. Além disso, apresenta os nomes e a descrição dos projetos parceiros, o detalhamento do método aplicado para a elaboração deste Manual e o público-alvo a quem este trabalho se dirige.

O WWF-Brasil e a visão para um turismo responsável

Descreve os trabalhos desenvolvidos pelo Programa de Turismo e Meio Ambiente do WWF-Brasil e sua visão de posicionamento sobre turismo e ecoturismo.

SEÇÃO I:

Planejamento Estratégico – Instrumentos para planos, diagnósticos e desenvolvimento de projetos

1- Planejamento do Ecoturismo

Introduz conceitos em planejamento do turismo e do ecoturismo e orienta na elaboração de planos em unidades de conservação, municípios ou regiões para a implementação de um programa de ecoturismo.

2 - *Levantamento do Potencial Ecoturístico (Inventário)*

Fornece uma metodologia participativa e adequada à realidade local para o levantamento de informações, propiciando a capacitação de moradores no planejamento, desenvolvimento e execução das atividades de inventário e pesquisa, incluindo a tabulação dos dados pesquisados e disponibilização de resultados para realização de diagnóstico e planos de ações.

3- *Elaboração do Produto*

Demonstra os passos básicos para a elaboração de produtos de ecoturismo aplicando conceitos universais de marketing.

4- *Viabilidade Econômica*

Discute os conceitos básicos para a avaliação de investimentos no desenvolvimento de programas de ecoturismo e aborda os aspectos empresariais da atividade a fim de garantir seu sucesso econômico.

Seção 2

Implementação Responsável – Instrumentos para desenvolvimento físico, educação e capacitação

5- *Infra-estrutura de Apoio ao Ecoturismo*

Reúne informações sobre o planejamento e implantação de infra-estrutura para o ecoturismo, utilizando tecnologias alternativas.

6- *Manejo de Trilhas*

Apóia a capacitação em técnicas de levantamento, mapeamento, implantação e manutenção de trilhas, observando-se as peculiaridades do ecossistema e da cultura local.

7- *Interpretação Ambiental*

Orienta o desenvolvimento de programas educativos baseados na interpretação ambiental, como forma de conciliar a satisfação do ecoturista e a conservação ambiental e cultural das áreas visitadas. Visa também promover mudanças positivas de comportamento.

8- *Programa de Capacitação*

Propicia metodologia e informações básicas - tendo como base a participação comunitária - para a identificação de cursos prioritários, adequação de cursos à realidade da comunidade, valorização e capacitação de instrutores e monitores locais e identificação de possíveis parceiros.

Seção 3

Gestão Integrada – Instrumentos para controle, administração e participação

9- *Monitoramento e Controle de Impactos de Visitação*

Oferece aos gerentes de áreas protegidas, sítios e atrativos naturais um instrumento prático e viável que possibilite o monitoramento e controle dos impactos de visitação.

10 *Administração e Práticas Contábeis*

Apresenta mecanismos práticos para controles administrativo e contábil de um empreendimento de ecoturismo, com ênfase nos conceitos mais importantes e as práticas mais acessíveis para pequenas empresas.

11 *Participação Comunitária e Parcerias*

Detalha os elementos que compõem os conceitos de “participação comunitária” e “parcerias”, e apresenta um conjunto de métodos e estratégias para introduzir estes conceitos e processos dentro de um projeto do ecoturismo.

12 *A Contribuição de Voluntários em Projetos de Ecoturismo*

Demonstra a importância do diagnóstico das necessidades e potencialidades na elaboração de um programa eficaz de voluntariado para o ecoturismo, e fornece orientações gerais para seu planejamento de forma a ampliar o impacto social das ações institucionais.

13 *Pesquisa na Atividade de Ecoturismo*

Descreve a importância da pesquisa científica no contexto do ecoturismo e

mostra como seus resultados podem aperfeiçoar essa atividade. Pretende também fornecer subsídios para o desenvolvimento da pesquisa.

No final do Manual constam ainda os seguintes tópicos:

– *Glossário*, com os principais conceitos e definições usadas no Manual com os termos técnicos e profissionais em turismo e meio ambiente.

– *Contatos dos projetos parceiros e dos consultores participantes*;

– *Carta de Quebec*, com as diretrizes mundiais para o desenvolvimento responsável do ecoturismo por parte de empresas, governos, mercados, comunidades e agentes financeiros.

III. PROJETOS PARCEIROS

Para desenvolver um instrumento prático e útil para técnicos leigos em ecoturismo era necessário que o Manual fosse elaborado por meio de um processo onde os diferentes temas desenvolvidos – os capítulos – fossem testados na prática em diferentes contextos ambientais, culturais e institucionais do Brasil. A composição dos projetos parceiros do WWF-Brasil e do Manual respondeu aos critérios de diversidade de:

- Ecorregiões do Brasil.
- Tipos de unidade de conservação.
- Tipos de instituição líder.
- Tipos de proposta ecoturística.
- Estágios de desenvolvimento da atividade ecoturística.

Nas páginas seguintes, apresentamos o nome e uma descrição detalhada de cada projeto parceiro, incluindo um encarte colorido com mapa de localização e fotos dos projetos.

Para melhor compreensão do quadro da página seguinte:

Siglas da coluna “Estágio de desenvolvimento”,

A	Avançado
MO	Mediano, em operação
MI	Mediano, em início de operação
M	Mediano

PROJETOS PARCEIROS	COMPOSIÇÃO						SITUAÇÃO
	BIOMA	ECORREGIÃO	TIPO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO	TIPO DE INSTITUIÇÃO	PROPOSTA		
Silves, AM	Amazônia	Várzea de Monte Alegre	Reserva municipal de manejo de lagos de várzea	Organização de base local	Pousada comunitária. Objetivo de gerar renda para manejar a reserva e alternativa econômica para comunidade	A	
Mamirauá, AM	Amazônia	Floresta Úmida do Japurá-Solimões	Reserva Estadual de Desenvolvimento Sustentável	Instituto de pesquisa	Pousada ecoturística da instituição e desenvolvimento de serviços nas comunidades. Contribuir para a auto-sustentabilidade financeira do projeto e alternativa econômica para comunidades.	A	
Pedras Negras, Rondônia, RO	Amazônia	Floresta Úmida do Madeira Tapajós	Reserva Extrativista Estadual	Organização de base estadual	Desenvolvimento de produtos ecoturísticos em duas reservas extrativistas, sendo um deles uma Pousada Comunitária. Alternativa econômica para a viabilização social e ambiental das reservas.	MO	
Veadeiros, GO	Cerrado	Cerrado	Parque Nacional e RPPNs	Organização de base local	Capacitação regional para desenvolver infraestrutura e serviços. Alternativa econômica para comunidade e incentivo à proteção ambiental.	A	
Estrada-Parque Pantanal, MS	Pantanal	Pantanal	AEIT – Área de Especial Interesse Turístico – Estrada-Parque – dentro de Reserva da Biosfera do Pantanal	Secretarias de turismo & meio ambiente estadual e municipal	Capacitação de proprietários ao longo da estrada parque Pantanal, declarada Área de Especial Interesse Turístico. Alternativa econômica para proprietários no local para evitar a agricultura intensiva. Implantação do comitê gestor participativo.	MI	
Superagüi, PR	Mata Atlântica	Floresta Costeira da Serra do Mar	Parque Nacional	ONG regional técnica	Capacitação regional para desenvolver infraestrutura e serviços. Alternativa econômica para comunidade e incentivo à proteção do Parque.	M	
Mico-Leão-Dourado, RJ	Mata Atlântica	Floresta Costeira da Serra do Mar	Reserva Biológica Nacional	ONG específica para a implementação da reserva	Capacitação de proprietários para desenvolver infraestrutura e serviços. Alternativa econômica para comunidade e incentivo à criação de RPPNs para proteção do mico.	MO	
TAMMAR / Noronha, PE	Costeiro Marinho	Costeiro-Marinho	Parque Nacional Marinho	Programa de espécie do IBAMA e ONG associada	Desenvolvimento de produto ecoturístico associado ao projeto TAMMAR em Fernando de Noronha. Elemento complementar para a auto-sustentabilidade financeira do projeto no arquipélago.	A	

IV. PÚBLICO-ALVO

Este Manual foi pensado para ser usado por técnicos de entidades que desenvolvem atividades de ecoturismo em unidades de conservação. Porém, o objetivo pode ser mais amplo. Pode funcionar como um instrumento de apoio a conservacionistas que desejem aplicar, em suas regiões de atuação, o ecoturismo como alternativa de desenvolvimento socioeconômico e, ao mesmo tempo, desenvolvimento ambiental de áreas protegidas ou não.

Por outro lado, ele será útil para alunos, professores e pesquisadores de universidades, técnicos e planejadores de instituições governamentais e não-governamentais, proprietários e gerentes de sítios e atrativos e técnicos de projetos com abrangência municipal ou regional. Se bem aplicado, pode facilitar o trabalho de implantação de projetos de ecoturismo e propiciar melhores condições para reduzir riscos e impactos negativos diversos e ampliar as oportunidades e resultados.

Vale ressaltar aos leitores que esta publicação é uma experiência inédita no país, cujo conteúdo é proveniente de vários autores de várias partes deste imenso Brasil. Por isto, sugere-se ao público-alvo, que tentará aplicá-lo em campo, que não veja os capítulos como uma metodologia acabada, mas sim para ser adaptada frente às realidades locais e regionais.

A todos esses leitores, sugere-se o envio de sugestões e críticas ao conteúdo dos capítulos. O WWF-Brasil está aberto para receber adaptações e correções metodológicas efetuadas nos instrumentos aqui oferecidos a partir dos resultados de suas aplicações práticas.

V. MÉTODO DE ELABORAÇÃO DO MANUAL

O método de elaboração deste Manual se baseou em um processo decisório participativo, subsidiado por etapas de teste e avaliação do material produzido. Em um período de dois anos e meio, foram realizadas seis oficinas técnicas que estabeleceram dire-

trizes, conteúdo e atividades do Manual, além de proceder à avaliação do material produzido e testado entre as oficinas.

Com o intuito de realizar um projeto que gerasse resultados práticos e adaptáveis aos diferentes contextos socioculturais, políticos e ambientais do País, o WWF-Brasil realizou uma oficina visando identificar os desafios para o ecoturismo no Brasil e elaborar os componentes do projeto que seria desenvolvido. A oficina reuniu representantes do WWF-Brasil, especialistas atuantes no Brasil em diferentes e relevantes áreas para o desenvolvimento do ecoturismo e representantes de organizações parceiras já engajadas na promoção dessa atividade. O grupo definiu que a problemática do ecoturismo no Brasil poderia ser assim descrita:

**O ecoturismo praticado atualmente
no Brasil não aproveita seu potencial
de geração de benefícios para
as comunidades e para a conservação.**

O contexto apresentado acima motivou a instituição de um Programa de Ecoturismo pelo WWF-Brasil e a conceituação e desenho de um método para implementação responsável de projetos que viessem de fato a contribuir para orientar o mercado e comunidades rumo à elaboração e implementação de projetos que se aproximem dos princípios do ecoturismo.

As etapas da metodologia definidas pela equipe do Manual envolveram três aspectos – a definição dos participantes, o método propriamente dito e a assistência técnica aos projetos parceiros.

► Participantes

A experiência dos participantes no dia-a-dia de projetos de ecoturismo, assim como a sistemática de utilização e avaliação da maioria dos capítulos na implementação dos projetos parceiros, muito contribuíram para que o resultado final deste Manual fosse o mais próximo possível das diferentes

realidades do ecoturismo no Brasil. Cada projeto apontou um ou dois técnicos para participar do Manual. Apesar de ter-se buscado a participação dos mesmos técnicos durante todo o Manual, em alguns casos isso não foi possível. Esses profissionais se distribuíram da seguinte forma (ver nos Anexos do Manual a lista com os nomes dos participantes):

- ❑ **Projeto Mamirauá:** uma técnica permanente; um técnico parcial.
- ❑ **Projeto Mico-Leão-Dourado:** uma técnica permanente; um técnico parcial.
- ❑ **Projeto Superagui:** duas técnicas permanentes; um técnico parcial.
- ❑ **Projeto Silves:** um técnico e um comunitário permanentes.
- ❑ **Projeto Estrada Parque Pantanal:** uma técnica da Secretaria Estadual de Meio Ambiente permanente; dois técnicos da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo parciais.
- ❑ **Projeto Veadeiros:** dois técnicos/comunitários permanentes; um técnico/comunitário parcial.
- ❑ **Projeto TAMAR / Noronha:** um técnico permanente.
- ❑ **Projeto de Ecoturismo de Rondônia:** uma técnica permanente; dois comunitários parciais.
- ❑ **WWF-Brasil:** duas técnicas permanentes; sete técnicos parciais.
- ❑ **Consultores:** cinco permanentes; quatro parciais.
- ❑ **Colaboradores:** seis técnicos que participaram apenas da oficina sobre participação e parcerias (ver descrição de cada oficina abaixo).

➤ Método

Foram realizadas seis oficinas entre 1996 e 1999. A primeira, realizada em novembro de 1996, reuniu diversos consultores com experiência em áreas-chave para o desenvolvimento do ecoturismo (que se transformaram em capítulos do Manual), representantes de projetos parceiros do WWF-Brasil

que já desenvolviam o ecoturismo, e membros da equipe técnica do WWF-Brasil para desenvolver tanto o conceito do Manual quanto a sua estrutura.

Fazendo parte da estratégia metodológica, tanto para aprofundar a compreensão do conceito de ecoturismo como para subsidiar a elaboração deste Manual, os participantes da primeira oficina detalharam, segundo seu entendimento, os princípios do ecoturismo e estabeleceram as diretrizes que orientam seu desenvolvimento. Os tópicos gerais desses princípios, que estão detalhados no Capítulo 1.1 - *Planejamento do Ecoturismo*, são:

- a) *O ecoturismo deve contribuir para a conservação do meio ambiente;*
- b) *O ecoturismo deve promover a valorização cultural das comunidades, bem como sua capacitação para o gerenciamento participativo e de mínimo impacto dos recursos envolvidos;*
- c) *O ecoturismo deve buscar a diversificação e integração econômica para a melhoria da qualidade de vida das comunidades;*
- d) *No desenvolvimento do ecoturismo, a integração e equilíbrio entre conservação ambiental, respeito pela cultura local e a diversificação de atividades econômicas devem ocorrer via processo participativo.*

Assim, foi nesta oficina que as diretrizes orientadoras do Manual, seu conteúdo, estrutura inicial e cronograma de elaboração foram definidos. Além disso, os participantes da oficina distribuíram entre si a responsabilidade de elaborar a primeira versão dos diferentes capítulos que vieram a compor este Manual.

Os elementos básicos do método de implementação do projeto de ecoturismo do WWF-Brasil foram assim definidos:

- ❑ **Oficinas de capacitação e elaboração do Manual.** Foram planejadas quatro outras

oficinas, com quatro sessões cada: (a) apresentação e discussão dos trabalhos realizados no período anterior à oficina; (b) capacitação nos diferentes temas do Manual, com base nos esboços iniciais dos capítulos; (c) avaliação e aperfeiçoamento dos capítulos com base na experiência de sua implementação; (d) planejamento de atividades para o período seguinte. Buscou-se realizar as oficinas nas áreas de desenvolvimento dos projetos, colaborando para a troca de experiências entre os participantes. Uma quinta oficina foi realizada com o intuito

de subsidiar a elaboração do capítulo Participação Comunitária e Parcerias. Participantes do Manual com experiência no desenvolvimento de processos de participação e parceria foram reunidos com colaboradores convidados especialmente para a oficina (ver relação de nomes nos anexos). O capítulo resultante desta oficina foi apresentado para o restante do grupo do Manual na última oficina de capacitação. Assim, somando-se todas as oficinas realizadas para a elaboração e implementação do Manual, foram realizadas seis oficinas:

OFICINAS REALIZADAS DURANTE O MANUAL			
OFICINA	DATA	LOCAL	CONTEÚDO BÁSICO
Elaboração e Planejamento	Novembro de 1996	Projeto Veadeiros: Alto Paraíso, GO.	Conceituação do Manual, diretrizes, estrutura e planejamento.
Capacitação 1	Setembro de 1997	Projeto Silves: Silves, AM.	Capacitação em levantamento de Potencial Ecoturístico, Viabilidade Econômica, Manejo de Trilhas e Interpretação Ambiental
Capacitação 2	Março de 1998	Projeto Mico-Leão-Dourado: Silva Jardim, RJ.	Capacitação em Elaboração de Produto, Participação e Parcerias, Pesquisa e Voluntários
Capacitação 3	Setembro de 1998	Projeto Estrada-Parque Pantanal: Corumbá, MS.	Capacitação em Monitoramento e Controle de Impactos de Visitação, Programas de Capacitação, Infraestrutura de Apoio ao Ecoturismo e Práticas de Administração e Contabilidade.
Participação e Parcerias	Novembro de 1998	Brasília, DF.	Conceituação e elaboração de passos metodológicos.
Capacitação 4	Mai de 1999	Brasília, DF.	Apresentação do capítulo de Participação e Parcerias, elaboração dos exemplos referentes a cada projeto, avaliação final dos capítulos, elaboração de estratégias de disseminação e multiplicação do Manual, planejamento da fase seguinte do Programa de Ecoturismo do WWF-Brasil: a certificação.

- ❑ **Assistência técnica para implementação de atividades planejadas nas oficinas.** O WWF-Brasil garantiu a assistência técnica aos projetos parceiros de duas formas. Primeiro, por meio da visita dos consultores aos projetos durante os intervalos entre as oficinas (por exemplo, no intervalo entre as oficinas de capacitação 1 e 2, dois projetos receberam a visita técnica do consultor em manejo de trilhas). Segundo, durante as oficinas, parte do período de trabalho foi alocado para a assistência técnica individualizada (por projeto). Cada projeto pôde discutir com os diversos consultores presentes aspectos sobre o planejamento e implementação das atividades que estavam desenvolvendo. Assim, buscou-se atender às necessidades de cada projeto, em diferentes fases de implementação do ecoturismo, mesmo que a atividade ainda não tivesse sido abordada na capacitação.

BIBLIOGRAFIA

- WHELAN, T. (ed.). 1991. Nature Tourism. Washington, DC: Island Press.
- BORGES, M. M. 1995. Tourism on the Rio Araguaia, Brazil: Tourist's perceptions and motor boat erosion. (Dissertação de Mestrado) -- Department of Geography and Recreation. University of Wyoming, WY, EUA.
- EMBRATUR. 1994. Diretrizes Para uma Política Nacional de Ecoturismo. Sílvio M. de Barros II e Denise H. de La Penha (Coord.). Embratur. Brasília,DF.
- SALVATI, S. S. 2002b. Turismo responsável como instrumento de desenvolvimento e conservação da natureza. In: Diálogos entre a esfera global e local: contribuições de organizações não governamentais e movimentos sociais brasileiros para a sustentabilidade, equidade e democracia planetária. Rubens Born [org.]. São Paulo: Peirópolis.

Projetos parceiros, participantes e consultores

LISTA DE CONTATOS

A lista das instituições parceiras do projeto deste Manual, dos técnicos do WWF-Brasil participantes e dos consultores está apresentada abaixo. Por uma questão de praticidade, os nomes de todos os técnicos que participaram deste projeto, em todos ou alguns de seus eventos, estão listados por projeto que representaram.

Os participantes indicados com (*) não pertencem mais às suas instituições de origem e, assim, sugere-se que se busque na sua entidade de origem o contato atualmente disponível. Os participantes do WWF-Brasil podem ser encontrados pelo e-mail panda@wwf.org.br.

► Projetos parceiros, instituições e respectivos técnicos:

1) Projeto TAMAR

Instituição: IBAMA e FUNDAÇÃO PRÓ-TAMAR – Fernando de Noronha
Endereço: Projeto TAMAR/IBAMA – Caixa Postal 50 - CEP.: 53.900-000 - Fernando de Noronha, PE • Tel/Fax: (81) 3619-1171 e 3619-1367
Internet: www.tamar.org.br
e-mail: pur@tamar.com.br
Técnico: Cláudio Bellini - *oficina de elaboração e planejamento do PEC, oficinas 1, 3 e 4*

2) Projeto Mamirauá

Instituição: INSTITUTO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE MAMIRAUÁ
Endereço: Av. Brasil, 197 – Tefé – AM – CEP: 69.470-000 • Tel/Fax: (92) 743-2736
Internet: www.mamiraua.org.br
e-mail: ecoturismo@mamiraua.org.br
Técnicos: Ricardo Borges Ferrão - *oficinas 3 e 4* • Aline Azevedo - *oficinas 1 a 4 (*)*

3) Projeto Mico-Leão-Dourado

Instituição: ASSOCIAÇÃO MICO-LEÃO-DOURADO (AMLD)
Endereço: Rod. BR 101, km 214 – Cx. Postal 109.968 – CEP: 28.860-970 – Casimiro de Abreu - RJ • Tel/Fax: (24) 2778-2025
e-mail: rambaldi@micoleao.org.br
Técnicos: Denise Rambaldi - *oficina de elaboração e planejamento do PEC, oficinas 1 a 4*
• Alexandre J. F. Vieira - *oficina 2*

4) Projeto Veadeiros

Instituição: ASSOCIAÇÃO DE CONDUTORES DE VISITANTES DA CHAPADA DOS VEADEIROS (ACV-CV)
Endereço: Av. Ary R. V. Filho, quadra 47, APM 9 – Cx. Postal 10 – CEP 73.770-000 – Alto Paraíso - GO • Tel/Fax: (62) 446-1690 e 446-1159
Técnicos: Elias Martins - *oficina de elaboração e planejamento do PEC; oficina 1* • Ion David Z. da Silva - *oficinas 1 a 4* • Fernando Santana - *oficinas 2 a 4 – (*)*

5) Projeto Rondônia

- Instituição: ORGANIZAÇÃO DOS SERINGUEIROS DE RONDÔNIA (OSR)
Endereço: Rua Joaquim Nabuco, 1215 – Bairro Areal – CEP: 78.916-420 – Porto Velho - RO • Tel/Fax: (69) 224-1368
e-mail: osr@enter-net.com.br
- Instituição: AÇÃO ECOLÓGICA GUAPORÉ (ECOPORE)
Endereço: Rua Rafael Vaz e Silva, 3335 – CEP: 78.900-000 – Porto Velho - RO
Tel/Fax: (69) 224-7870
e-mail: undiscovered.amazon@bol.com.br
- Técnico: Carolina Dória – *oficinas 1 a 4* •
- Instituição: ASSOCIAÇÃO DOS SERINGUEIROS DO VALE DO GUAPORÉ (AGUAPÉ)
Endereço: Av. Santa Cruz, 963 – Centro – Costa Marques - RO • Tel/Fax: (69) 651-2676
Internet: www.pousadasnegras.com
e-mail: undiscovered.amazon@bol.com.br
- Técnicos: Manoel Teófilo da Silva - *oficina 1* • Elias Silva L. Vale - *oficinas 3 e 4*

6) Projeto Silves

- Instituição: ASSOCIAÇÃO DE SILVES PELA PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E CULTURAL (ASPAC)
Endereço: Ponta do Macário, s/n – CEP 69.119-000 – Silves - AM •
Tel/Fax: (92) 528-2124
Internet: www.aldeiadoslago.com.br
e-mail: aldeiadoslago@terra.com.br
- Técnicos: Vicente Neves - *oficinas 1 a 4* • Tibério Allogio - *oficinas 1 a 3 - (*)*

7) Projeto Pantanal

- Instituição: SECRETARIA ESTADUAL DE MEIO AMBIENTE, CULTURA E TURISMO / MS
Endereço: Rua Projetada, s/n, Setor 3, Quadra 3, Parque dos Poderes – 79.031-920 – Campo Grande - MS • Tel/Fax: (67) 318-5600
Internet: www.ms.gov.br
- Técnica: Sylvia Torrecilha - *oficinas 1 a 4*
- Instituição: SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E TURISMO – CORUMBÁ/MS
Endereço: Rua Manoel Cavassa, 275 – CEP: 79.300-900 – Corumbá – MS •
Tel/Fax: (67) 231-7336
- Técnica: Silvia Gervásio - *oficinas 1 a 3 - (*)*

8) Projeto Superagüi

- Instituição: SOCIEDADE DE PESQUISA EM VIDA SELVAGEM E EDUCAÇÃO AMBIENTAL (SPVS)
Endereço: Rua Gutemberg, 296- Batel - CEP: 80420-030 - Curitiba -PR •
Tel/Fax: (41) 242-0280
Internet: www.spvs.org.br
e-mail: info@spvs.org.br
- Técnicas: Ivelise Vicenzi - *oficinas 1 a 4* • Vitória Yamada Muller - *oficinas 1 a 3 - (*)*
• Verônica “Kusum” Toledo - *oficina de participação e parcerias, oficina 4 - (*)*

► WWF-Brasil (em ordem alfabética)

Bernadete Lange – *oficinas 3 e 4 e oficina de participação e parcerias* • Eduardo Mongeli –

oficina 4 • Walter Suiter – oficina 4.

Técnicos que não mais pertencem ao quadro do WWF-Brasil:

Mário Menezes – *oficina de participação e parcerias • Irineu Tamaio – oficina de participação e parcerias • Leandro Ferreira – oficina 3 • Nira Fialho – oficina de elaboração e planejamento do PEC; oficinas 1 a 4; oficina de participação e parcerias • Robert Buschbacher – oficina de elaboração e planejamento do PEC; oficina 1 • Sylvia Mitraud – oficina de elaboração e planejamento do PEC; oficinas 1 a 4; oficina de participação e parcerias • Ulisses Lacava – oficina 4.*

► Consultores (em ordem alfabética)

1) Ariane Janér

Oficinas: *Elaboração e planejamento do PEC; oficinas 1 a 4.*
Especialidade: *Elaboração de Produtos; Marketing e Administração Financeira.*
Endereço: *Rua Av. Pres Antonio Carlos 51/sala 601, Castelo, Rio de Janeiro •*
Telefone: (21) 2422 6228 • Fax: (21) 2262 1103
e-mail: janerba@ism.com.br

2) Gilberto Fidelis

Oficinas: *oficina 3.*
Especialidade: *Contabilidade para ONGs.*
Endereço: *Av. Presidente Wilson, 164 - 5º andar – Sala 506 - Centro - CEP: 20030-020 - Rio de Janeiro - RJ • Tel/Fax: (21) 2533-1950 / 2262-6535*
e-mail: w4consultoria@uol.com.br

3) Jane Vasconcellos

Oficinas: *Elaboração e planejamento do PEC; oficinas 1 a 4.*
Especialidade: *Interpretação Ambiental*
Endereço: *Rua Cel. Fernando Machado, 813 / 1303 - CEP - 90.010-321 - Porto Alegre - RS • Tel/Fax: (21) 212-3215*
e-mail: janev@zaz.com.br

4) Johan van Lengen

Oficinas: *oficina 3.*
Especialidade: *Infra-estrutura de Baixo Impacto Ecológico*
Endereço: *Rua Roquete Pinto, 20 A - Urca - CEP: 22.291-210 - Rio de Janeiro / RJ*
• Tel/Fax: (21) 2244-5930
e-mail: tiba@tiba.org.br • Internet: www.tiba.org.br

5) Marcos Martins Borges

Oficinas: *Elaboração e planejamento do PEC; oficinas 1 a 4.*
Especialidade: *Inventário Participativo; Diagnóstico e Planejamento Regional.*
e-mail: mborges@rpts.tamu.edu

6) Roberto Mourão

Oficinas: *Elaboração e planejamento do PEC; oficinas 1 a 4.*
Especialidade: *Elaboração de Produtos de Ecoturismo*

Endereço: Rua Visconde do Pirajá, 605 - Apto. 608 - Ipanema - CEP: 22410-003 -
Rio de Janeiro - RJ • Tel/Fax: (21) 2512-4187
e-mail: roberto@ecobrasil.org.br • Internet: www.ecobrasil.org.br

7) Waldir Joel de Andrade

Oficinas: *Elaboração e planejamento do PEC; oficinas 1 a 4;
oficina de participação e parcerias.*

Especialidade: Manejo de Trilhas
e-mail: wjoel@uol.com.br